

As implicações da pandemia da Covid-19 no cotidiano das crianças sob suas próprias perspectivas*

The implications of the Covid-19 pandemic on children's daily lives from their own perspectives

Ana Paula Camargo¹, Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes²

<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v33i1-3e215100>

Camargo AP, Fernandes ADSA. As implicações da pandemia da Covid-19 no cotidiano das crianças sob suas próprias perspectivas. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2023 jan.-dez.;33(1-3):e215100.

RESUMO: Introdução: Diante da pandemia da Covid-19 e as medidas emergenciais adotadas as crianças foram severamente impactadas, uma vez que tiveram seus cotidianos interrompidos. Objetivo: Compreender como as crianças vivenciaram o cotidiano na pandemia da Covid-19, a partir de suas próprias perspectivas. Metodologia: estudo exploratório, de abordagem qualitativa, realizado com 19 crianças de 9 a 11 anos, vinculadas a uma escola pública. Para a coleta de dados foi utilizada a elucidação gráfica, narrativa sobre a elucidação e uma entrevista semiestruturada. Os dados produzidos foram analisados a partir da análise temática. Resultados: três temáticas emergiram- O brincar como atividade principal no cotidiano das crianças; O uso de telas na pandemia da Covid-19; A escola e o aprendizado das crianças durante a pandemia da Covid-19. Os resultados evidenciaram que o brincar continuou presente, sendo o uso de dispositivos tecnológicos um dos principais recursos de entretenimento utilizados no período. Sobre a escola, as crianças relataram que pouco conseguiram apreender de forma remota, diante das dificuldades existentes. Conclusão: espera-se que os dados coletados possam contribuir para o maior conhecimento de uma das maiores crises sanitárias já vivenciadas, favorecendo novas reflexões e discussões acerca das políticas públicas e estratégias de intervenção voltadas a essa população.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças; Cotidiano; Covid-19.

Camargo AP, Fernandes ADSA. The implications of the Covid-19 pandemic on children's daily lives from their own perspectives. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2023 Jan-Dec;33(1-3):e215100.

ABSTRACT: Introduction: Faced with the Covid-19 pandemic and the emergency measures to control and combat the spread of the virus, children were severely impacted, as their daily lives were interrupted. Objective: To understand how children experienced daily life during the Covid-19 pandemic, from their own perspective. Methodology: exploratory study, with a qualitative approach, carried out with 19 children aged 9 to 11 years old, linked to a public school. For data collection, graphic elucidation and a semi-structured interview were used. Both the narratives arising from the graphic elucidations and the data produced in the interviews were analyzed based on thematic analysis. Results: three themes emerged - Playing as the main activity in daily life; The use of screens during the pandemic; School and learning. The results showed that playing continued to be present, based on the inventiveness of the children. The use of technological devices was one of the main entertainment resources used, they barely managed to apprehend remotely. Conclusion: it is expected that the data collected can contribute to a better understanding of one of the biggest health crises ever experienced, favoring new reflections and discussions about public policies and intervention strategies aimed at this population.

KEYWORDS: Children; Daily life; Covid-19.

*O material apresentado trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado da primeira autora intitulado “O cotidiano e a pandemia da Covid-19 na perspectiva das crianças”, defesa em 2023, para obtenção do título de mestre em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos. O projeto foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar sob protocolo n. 5.121.003. Uma pequena parte dos resultados da pesquisa foi apresentada como pôster no IV Congresso Internacional de Novas Abordagens em Saúde Mental Infantojuvenil, em 13.05.2023, Florianópolis-SC. O trabalho não recebeu fonte de financiamento. A contribuição é original e inédita e o texto não está sendo avaliado para publicação por outra revista.

1. Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional. São Carlos, SP, Brasil. <https://orcid.org/0009-0005-3787-5331>. Email: paulacamargo.to@gmail.com.

2. Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional. São Carlos, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-8006-8117>. Email: amandafernandes@ufscar.br.

Endereço para correspondência: Ana Paula Camargo. Universidade Federal de São Carlos - Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional. Rod. Washington Luís, km 235 - SP-310 - São Carlos, SP. CEP: 13565-905.

INTRODUÇÃO

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi comunicada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Tratava-se de uma doença infecciosa causada por uma cepa de coronavírus que não havia sido identificada em humanos, sendo logo depois decretada como uma pandemia¹.

A partir de então, várias medidas para prevenir a propagação do vírus foram adotadas pelos países como, por exemplo, a implantação de métodos de testagem, novos hábitos de higiene e medidas de isolamento social. De acordo com Berbet² foi necessária a reorganização do espaço, tempo e do cotidiano das famílias e crianças, visto a necessidade da suspensão das aulas presenciais, da reestruturação do trabalho, comércio e empresas. Essas mudanças geraram impactos negativos em diferentes níveis, nas relações internacionais, no desenvolvimento do país, do Estado, da comunidade, do sistema familiar e individual².

Aponta-se que a pandemia da Covid-19 trouxe à tona as desigualdades sociais existentes no país, sendo os impactos proporcionais à vulnerabilidade presente nos diferentes contextos. Mais do que ocasionar uma crise de saúde pública e sanitária, a pandemia expôs fraturas preexistentes e exacerbou desigualdades estruturais - o acesso ao diagnóstico e tratamento, precarização das moradias, tecnologias, água e saneamento básico, alimentação e nutrição apropriadas, entre outras³.

Nesse cenário, considera-se que atentar-se para as vivências infantis se faz necessário, uma vez que a literatura aponta que as crianças foram um dos grupos mais impactados⁴. Segundo o Dossiê *“Infâncias e Covid-19: os impactos da gestão da pandemia sobre crianças e adolescentes”*⁵, o Governo Federal não se ocupou de promover políticas públicas capazes de reduzir os impactos causados pela pandemia de Covid-19 nas crianças e adolescentes⁵. As condições sociais e econômicas provenientes da gestão ineficiente da pandemia geraram efeitos extremamente prejudiciais às crianças e adolescentes como, por exemplo, no âmbito da saúde física e mental; impactos educacionais; aumento das violências e a dificuldade de acesso a redes de apoio e proteção, prejudicando o desenvolvimento e o brincar livre em contato com a natureza^{4,5}.

Estudos que analisaram os impactos da pandemia sobre a saúde da criança reforçam a necessidade de mais investigações a respeito das consequências éticas desse momento histórico⁶.

O estudo realizado por Silva⁷ objetivou explorar a qualidade de vida de crianças entre 7 e 9 anos durante a

pandemia de COVID-19, em relação ao próprio adoecimento. O estudo adotou uma abordagem qualitativa exploratória, fundamentada no conceito de qualidade de vida estabelecido pela Organização Mundial da Saúde. A amostra foi composta por 24 crianças, residentes em Belo Horizonte, Minas Gerais, que foram diagnosticadas positivamente com a infecção pelo vírus SARS-CoV-2, juntamente com seus cuidadores primários. Os dados foram coletados por meio de videochamadas. Para os cuidadores primários, aplicou-se um instrumento para caracterização sociodemográfica dos participantes e família, enquanto para as crianças, utilizou-se uma entrevista semiestruturada abordando as repercussões do adoecimento e do distanciamento social, bem como a Escala de Avaliação da Qualidade de Vida da Criança. Os resultados revelaram que as crianças entrevistadas possuíam informações acerca da infecção pelo SARS-CoV-2 e suas consequências, destacando os aspectos negativos do vírus, como sua alta transmissibilidade e letalidade. Treze crianças demonstraram uma piora na qualidade de vida após a pandemia, por não poderem frequentar praças, passear, ir à escola ou brincar com os amigos. Além disso, tiveram que lidar com a morte de familiares e conflitos no ambiente domiciliar. Observou-se um aumento no tempo de exposição a telas, uma diminuição nas oportunidades de participar em atividades físicas, bem como dificuldades no aprendizado decorrentes do ensino remoto. Sentimentos negativos, como ansiedade, medo e tristeza, foram relatados durante esse período.

Nessa mesma direção, o estudo realizado por Santana et al.⁸, buscou investigar a experiência das crianças residentes em Salvador e região metropolitana no tocante à organização de suas rotinas durante o período da pandemia da Covid-19. A pesquisa envolveu 1.059 crianças, cujas idades variaram entre 8 e 12 anos. A coleta de dados se deu a partir de questionários eletrônicos, disponibilizados no site da pesquisa, nas redes sociais de entidades parceiras, na mídia local, além de interações diretas com atores vinculados à rede de atenção à criança e com os contatos pessoais da equipe de pesquisadores. Os resultados evidenciaram um aumento significativo no tempo dedicado ao uso de telas e/ou dispositivos eletrônicos, bem como uma redução nas atividades físicas e a emergência de um sentimento de tédio entre algumas crianças. Esse sentimento antecedeu a reorganização de suas rotinas, no âmbito das atividades escolares, extracurriculares e de lazer, sendo realizadas majoritariamente em formato remoto.

Observa-se a partir da literatura apresentada, que com as rupturas presentes não se espera que os sujeitos continuem os mesmos. É preciso de fato compreender que essa nova cotidianidade implicou, está implicada e continuará

implicando na vida de todos⁹. Sob esta perspectiva, identifica-se ser fundamental se debruçar - a partir das próprias crianças, da realidade vivida - nas cotidianidades, nos modos de pensar, agir e sentir, assim como, traçar estratégias de enfrentamento e superação dos desafios atuais e os que ainda estão por vir.

A maioria dos estudos sobre crianças têm sido desenvolvidos a partir do enfoque de terceiros, ou seja, na percepção dos profissionais, pais e professores, e sinalizam para a escassez de estudos em que as crianças sejam participantes ativos, protagonistas¹⁰. Compreender como a pandemia afetou o bem-estar subjetivo das crianças e poder ouvi-las, possibilita um lugar de fala a uma população invisibilizada, contribuindo para reflexões, práticas e proposições mais consistentes e condizentes com as experiências desses sujeitos.

Assim, o objetivo do presente estudo é compreender como as crianças vivenciaram o cotidiano na pandemia da Covid-19, a partir de sua própria perspectiva.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório, de abordagem qualitativa, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, sob parecer 5.121.003. Observa-se que os responsáveis pelas crianças, que concordaram com a participação das mesmas, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como, as crianças assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). O estudo seguiu a resolução 510/2016 e todas as normativas para realização de pesquisas no contexto da pandemia.

Participantes

Foram participantes, 19 crianças de 9 a 11 anos, estudantes de uma escola pública. Para a seleção das mesmas adotou-se como critérios de inclusão crianças nessa faixa etária, que o responsável autorizasse a participação da mesma. Como critério de exclusão têm-se aquelas crianças que mesmo os responsáveis autorizando não apresentaram interesse ou desejo em participar do estudo. Compreende-se que as crianças nessa faixa etária podem ter uma melhor compreensão do que foi e envolveu a pandemia, assim como suas dimensões temporais.

Local

O estudo foi realizado em uma escola pública municipal de uma região de grande vulnerabilidade social, de um município de médio porte localizado no

interior do estado de São Paulo. Quanto à escola a qual as crianças participantes estavam vinculadas, trata-se de um espaço construído recentemente (inaugurado em 2017), com aproximadamente 600 alunos matriculados do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Instrumentos e recursos para produção dos dados

O primeiro recurso utilizado foi um vídeo elucidativo (animação gráfica) com a história da pandemia da Covid-19, visando contextualizar e retomar as crianças sobre o período. Aponta-se que a animação foi elaborada a partir de um *software* de imagens, por uma profissional que trabalha com metodologias criativas. Já o roteiro e a narração foram realizados pela pesquisadora.

Após a apresentação da animação, foi solicitado para as crianças através da pergunta disparadora “Como foi o seu dia a dia durante a pandemia?” que realizassem uma elucidação gráfica como, por exemplo, um desenho, escrita, colagem ou o que preferissem, para suscitar narrativas a partir de meios não unicamente verbais¹¹. Finalizado a elucidação gráfica, as crianças narraram sobre a produção realizada.

Além da elucidação gráfica foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado o qual continha questões relativas à caracterização da criança e sua família (idade, série, composição familiar e trabalho dos pais), assim como sobre o cotidiano das crianças no contexto da pandemia (atividades diárias, o brincar, atividades escolares, dificuldades, potências, desafios, perspectivas futuras).

Procedimentos

Escolha do município escola e identificação e localização dos participantes

A escolha do município e da escola foi intencional e por conveniência, considerando o conhecimento prévio e facilidade da pesquisadora em acessar o local¹². Para a identificação e localização dos participantes foi solicitada autorização da Secretaria de Educação do município, sendo posteriormente realizada uma visita à escola selecionada para apresentação da proposta de pesquisa à gestão. Com o aceite da gestão, foram apresentados os critérios de inclusão e os possíveis participantes foram convidados. Tendo em vista o recorte etário (9 a 11 anos), foi identificado que as crianças estariam matriculadas nos últimos dois do Ensino Fundamental I (4º e 5º ano). Sendo assim, todas as crianças de quatro salas de aula, relativas a esses anos específicos, foram convidadas.

Validação dos instrumentos

O roteiro de entrevista foi elaborado pelas pesquisadoras e validado por três juízes especialistas na área. Além da análise da entrevista por juízes especialistas, realizou-se a aplicação piloto com três crianças¹³.

Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada pela própria pesquisadora, na escola, após a autorização da gestão escolar e do CEP, semanalmente, durante os meses de novembro e dezembro de 2021.

O convite para a pesquisa foi realizado em quatro salas, de forma que as crianças levaram o TCLE e uma carta de apresentação aos pais. As crianças que retornaram com o termo assinado, autorizando a participação na pesquisa, foram convidadas a participar e assinar o TALE. Observa-se que foi utilizado o critério de saturação dos dados para encerrar a coleta. Desta forma, a coleta foi finalizada com 19 participantes.

Para os dias de coleta, a escola reservou um local da biblioteca para apresentação do vídeo, realização das elucidações gráficas e entrevistas. Foi necessário apenas um encontro com cada criança, de forma individual, sendo que este variou de 20 a 50 minutos.

Após a apresentação do vídeo por meio de um *tablet* disponibilizado pela pesquisadora, foi solicitado para as crianças através da pergunta disparadora “Como foi o seu dia a dia durante a pandemia?” que realizassem uma elucidação gráfica, utilizando recursos diversos

disponibilizados. Finalizado a elucidação gráfica, as crianças narraram sobre a produção realizada. Sobre as entrevistas, as mesmas ocorreram após a produção da elucidação gráfica, no mesmo dia e local.

Tanto as entrevistas como as narrativas sobre a elucidação gráfica foram gravadas apenas em áudio, sendo que o gravador ficou ao alcance e campo de visão das crianças, após a ciência e aprovação das mesmas quanto ao seu uso. Posteriormente os dados foram armazenados em um dispositivo eletrônico local e transcritos pela pesquisadora.

Análise de dados

Observa-se que o intuito não foi uma análise interpretativa das elucidações gráficas, mas sim compreendê-las a partir das próprias verbalizações (narrativas) das crianças. Assim, tanto as narrativas sobre as elucidações gráficas como os dados produzidos nas entrevistas foram analisados pela pesquisadora a partir da análise temática de Bardin¹⁴, a partir de três etapas - pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados.

Aponta-se que com o intuito de evidenciar o protagonismo das crianças, as categorias temáticas identificadas que serão apresentadas nos resultados, partiram inicialmente da análise das narrativas das crianças sobre as elucidações gráficas (Figuras 1, 2 e 3) que produziram. Desta forma, à luz do que foi produzido e analisado nas narrativas das elucidações gráficas, cada categoria será ilustrada com as produções, seguido das narrativas e complementados com os dados obtidos e analisados nas entrevistas.



Figura 1 - Elucidação gráfica produzida pelo participante 13 após a pergunta disparadora e, abaixo, a narrativa sobre a produção realizada.



Figura 2 - Elucidação gráfica produzida pelo participante 17, após a pergunta disparadora e, abaixo, a narrativa sobre a produção realizada.



Figura 3 - Elucidação gráfica produzida pelo participante 16, após a pergunta disparadora e, abaixo, a narrativa sobre a produção realizada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto aos resultados obtidos no presente estudo, primeiramente serão apresentados a caracterização dos participantes e suas famílias e, posteriormente, os temas que emergiram do processo de análise dos dados das narrativas sobre as elucidações gráficas e entrevistas. Cabe apontar que não será possível apresentar todas as elucidações gráficas produzidas pelas crianças, sendo selecionada apenas uma, referente a cada categoria temática.

Caracterização dos participantes e suas famílias

Das 19 crianças participantes, 10 se identificaram pelo gênero feminino, enquanto 9 pelo gênero masculino. Além disso, 7 cursavam o 4º ano do Ensino Fundamental e 12 cursavam o 5º ano do Ensino Fundamental.

Sobre a composição familiar, esta envolveu pai, mãe e irmãos, mas também, padrastos, avós, tios, primos e sobrinhos. Das 19 famílias, 12 não se caracterizam como famílias tradicionais, composta por mãe, pai e filhos.

A seguir serão apresentadas as temáticas emergidas a partir das narrativas das elucidações gráficas e das entrevistas.

Tema 1- O brincar como atividade principal no cotidiano das crianças.

Ah, ele é sobre a pandemia, aqui eu tava tentando ficar dentro da minha casa, quando começou. Eu pensei, nossa, vou brincar com meu cachorro, faz tempo que não brinco com ele. Daí ele veio, peguei a bolinha dele e comecei a brincar com ele em volta da casa. (P13)

Sobre o cotidiano das crianças durante a pandemia identifica-se nos relatos que mesmo durante o período de isolamento o brincar continuou fazendo parte de seu cotidiano.

(Durante a pandemia) ...eu costumava brincar, soltar pipa... saía na rua pra brincar um pouco.” (P2)

“Eu brincava com os meus cachorros, de brincar, assim, de correr; e ficava ensinando, ensinar eles a dar patinha.” (P6)

“... eu mais brincava um pouco, por causa que minha mãe começou a falar assim: “filho, vai brincar, você não vai ter infância direito. Eu brincava muito de lutinha, só que não, tipo, de se bater; de fazer a pessoa chorar; tipo, nós lutava de longe, tipo, nós ficava assim, ó, parecendo uns louco lutando de longe, parecendo que tinha alguma coisa na frente” (P7)

“...nos dias de semana, não tava tendo aula, daí eu ia para rua soltar pipa, andar de bicicleta.” (P11)

“...com meu cachorro...eu ficava brincando de jogar a bola pra ele pegar.” (P16)

“Nós ficava brincando, soltando pipa...” (P19)

Mesmo com todas as adversidades presentes, foi possível reconhecer que as crianças mantiveram o brincar como parte de seu cotidiano, onde mesmo privadas do convívio social e de não poderem frequentar espaços aos quais anteriormente pertenciam, como a escola, o brincar se fez presente enquanto atividade característica da infância, que possibilita o desenvolvimento de diferentes aprendizagens e promove as relações interpessoais.

Autores apontam a prática do brincar sob diferentes perspectivas, sendo uma atividade predominante na vida da criança, fonte integral de desenvolvimento, construção de conhecimento e forma de comunicação pela qual

ela compreende o mundo à sua volta e expressa os seus sentimentos¹⁵. De acordo com Oliveira¹⁶ é por meio do brincar que a criança organiza suas lembranças, seu campo perceptivo, suas ideias e suas experiências.

Nessa direção e, considerando a importância do brincar, Lima et al.¹⁷ realizaram uma pesquisa com o objetivo de acolher e visibilizar o que crianças entre 6 e 12 anos viveram e sentiram em tempos de distanciamento, por meio da seguinte pergunta: conte sobre as suas brincadeiras nestes tempos de distanciamento social, em que você está em casa. A pesquisa foi realizada por meio de plataformas virtuais e contou com 13 narrativas de crianças. Os resultados destacam a percepção de que o tempo do brincar, seja ele livre, com a família ou mesmo de modo contemplativo, estará sempre presente, ainda que de modos diferenciados dos usuais. Tal como no estudo realizado por Lima¹⁷, as crianças participantes do presente estudo relataram as maneiras de brincar mais recorrentes durante a pandemia, dentre elas o brincar ao ar livre, andar de bicicleta, brincar com animais de estimação, soltar pipa. Além disso, destaca-se que muitas vezes o brincar se deu em ambientes externos como a rua.

Apesar dos resultados do presente estudo reforçarem a compreensão de que as crianças continuaram a brincar durante a pandemia, o isolamento social alterou substancialmente a sua dinâmica, onde diante das medidas de distanciamento, as trocas sociais e experiências compartilhadas foram pouco possíveis entre os pares. Desta forma, fragilizou-se a construção e elaboração de importantes significados e valores inerentes à infância, a partir das interações com os pares, que se faz de grande importância para o amadurecimento social, emocional e psíquico.

Na ausência do brincar compartilhado com outras crianças, pode-se identificar em contrapartida que os animais de estimação foram relatados com frequência nas brincadeiras desenvolvidas. Observa-se que os animais de estimação têm sido alvo de pesquisas que envolvem a temática do desenvolvimento infantil^{18,19}.

A título de exemplo, a pesquisa realizada pela Mars Petcare²⁰ com 2.000 pais no Reino Unido e nos Estados Unidos mostra que os animais de estimação da família ajudam as crianças a administrar melhor os sentimentos de estresse e solidão, que foram bastante exacerbados durante a pandemia. Segundo a pesquisa, oito em cada 10 pais apontaram que o animal de estimação da família ajudou seus filhos a se sentirem menos solitários durante o isolamento, sinalizando que as interações do dia a dia com o gato ou cachorro reduziram o estresse e a ansiedade de seus filhos. Os pais concordaram que seu animal de estimação

apoiou os filhos durante a pausa sem precedentes da escola presencial, melhorando o humor, fornecendo companhia e dando o apoio emocional tão necessário.

Apesar do brincar com animais não substituir as relações sociais estabelecidas entre os pares, hipotetiza-se que durante o período de isolamento, esta atividade foi ainda mais fundamental, uma vez que no presente estudo foi citada e elucidada por várias crianças em seus desenhos. Assim, acredita-se que esta atividade possa ter contribuído para o bem-estar e enfrentamento de uma situação bastante adversa, favorecendo o desenvolvimento socioemocional, a expressão e comunicação das mesmas. Conforme apresentam Cristian et al.¹⁹, o brincar pode ajudar as crianças a lidarem com situações estressantes, promovendo a resiliência e o desenvolvimento, sendo uma ferramenta valiosa para apoiar as crianças em momentos difíceis. Assim, deve ser valorizado e incentivado pelas famílias, educadores e profissionais de saúde.

Outro aspecto que merece destaque nos resultados é o fato de que mesmo com as medidas de isolamento social impostas e medidas de distanciamento estabelecidas, as crianças circularam e brincaram ao ar livre, na rua. Esse cenário parece ser bastante característico de regiões periféricas, sendo uma realidade presente para essa camada social mesmo durante a pandemia. Entretanto, discute-se a partir do cenário de desigualdades sociais existentes no país, o quanto as crianças advindas de classes sociais mais elevadas e contextos mais privilegiados o cenário era outro e, uma vez que possuem em casa recursos como brinquedos, espaços variados e amplos para brincar como, por exemplo, o quintal, condomínio, equipamentos, jogos eletrônicos e acesso à internet onde era possível manter trocas sociais de forma remota com seus pares, sem se expor ao risco.

Desta forma, considera-se que as crianças de áreas periféricas têm menos acesso a espaços públicos seguros como parques e praças e a brinquedos e jogos eletrônicos, o que pode incentivá-las a buscar formas criativas de se divertir com o que têm disponível. A rua pode ser o único espaço aberto e disponível, especialmente para aquelas crianças que moram em casas pequenas, sem espaço para receber amigos ou brincar²¹. Estudos apontam para as diferenças no uso de espaços públicos para o brincar infantil em áreas periféricas e áreas urbanas desenvolvidas, mas também destacam a importância de garantir espaços públicos seguros e acessíveis para o brincar infantil em todos os contextos²¹. Ou seja, é preciso garantir que todas as crianças tenham acesso a um brincar com segurança, que promova seu desenvolvimento social e emocional, independentemente do local onde vivem.

Compreender a maneira pela qual as crianças do presente estudo brincaram, a partir de um cotidiano que foi rompido com tantas mudanças e transformações advindas da pandemia, evidencia, primeiramente, que a vivência da pandemia não foi a mesma para todas as crianças e o quanto elas foram capazes de usar da criatividade, imaginação e fantasia, para criar novos modos de brincar, se reinventar e existir, visto todas as adversidades presentes.

Tema 2- O uso de telas na pandemia da Covid-19

Aham, aqui é meio que o meu quarto, porque eu fico direto, só jogando no meu quarto. Ai tem, às vezes, que eu só vou um pouco pra fora, porque a internet fica do lado da casa da minha tia, fica dentro da casa da minha tia. (P17)

Além do brincar, a tecnologia e uso de eletrônicos também foram relatados durante a produção das elucidações gráficas e nas entrevistas. É possível verificar a partir dos discursos abaixo que as crianças ficavam em casa assistindo TV, usando o celular ou jogando nos mesmos. Há também o relato e a percepção de alguns sobre o tempo gasto nas telas e, outros, apontando o quanto poder acessar esses dispositivos foi importante para o momento em que estavam vivendo.

“...comecei a usar mais (aparelhos eletrônicos) pra passar um pouco do tempo, eu acho que eu ficava umas 3 horas. (P1)

“...eu descobri um novo jogo que, tipo, me ajudou muito, tipo, me fez sentir a vida de novo, querer continuar vivendo, porque antes eu não queria continuar vivendo, queria morrer. Eu fiquei jogando, fiquei vendo videos, fiquei, tipo, muito vendo jogos, pessoas jogando, tentar ficar rico, só que rico jogando. Minha mãe não gostava que eu jogasse esse jogo, mas esse jogo que me incentivou a ficar mais alegre, tipo, ficar mais feliz.” (P7)

“...eu ficava de dia até de noite assistindo.” (P8)

“...eu costumava jogar mais bola, daí minha bola furou, daí eu comecei a jogar no telefone. Tinha vezes que nós ia na casa da minha tia, que minha tia tem internet, daí de vez em quando.” (P11)

“Quando começou a pandemia, minha tia me deu o celular dela, comecei a ficar sempre em casa jogando.” (P17)

Quanto às possibilidades existentes em contexto de distanciamento e privação vivida pelas crianças durante

a pandemia, o uso de dispositivos tecnológicos como o celular foi um dos principais recursos de entretenimento das crianças. Nos resultados do presente estudo evidenciou-se que apesar de algumas crianças sinalizarem para o uso excessivo de telas, outras tinham esse dispositivo como única possibilidade de brincar e se relacionar.

Resultado similar foi encontrado nos estudos de Santos et al.²² e Lemes et al.²³, no que tange ao tempo de tela das crianças na pandemia de Covid-19. Na revisão realizada por Lemes et al.²³, os resultados apontam que o tempo de tela aumentou para as crianças no período da pandemia, além da participação em jogos online e, mesmo com os prejuízos devido ao aumento a essa exposição, os jogos promoveram alguma forma de socialização, ainda que virtual. Já Santos et al.²² discutem que há diversas maneiras de compreender a associação do excesso de tempo de tela e as consequências para o desenvolvimento de uma criança. Uma delas diz respeito não sobre o tempo de tela em si, mas sobre o que o seu excesso pode significar, considerando que a criança pode não estar socializando com seus pares ou com outros adultos.

Para além da discussão apresentada sobre o uso de telas e seus benefícios e/ou malefícios, observa-se que é necessário abordar essa temática a partir de outros fatores que tangenciam essa questão como, por exemplo, as desigualdades existentes no que tange ao acesso à internet e uso de tecnologias digitais e aquisição de equipamentos eletrônicos tal como o celular.

Sob esse enfoque, os resultados da pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic)²⁴ apontou que para 39% das crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos das classes D e E a conexão que possuem com a internet é considerada ruim, sendo que para a mesma faixa etária nas classes A e B, o percentual cai para 18%. Além disso, 22% das crianças e adolescentes mais pobres disseram que a falta de créditos no celular impede o acesso sempre, enquanto 25% apontaram que isso ocorre eventualmente²⁴, o que em um cenário pandêmico, diante das dificuldades econômicas das famílias, estes dados tendem a se agravar.

Tal como no estudo de Natividade et al.²⁵, os resultados do presente estudo reafirmam as desigualdades no acesso e uso de tecnologias digitais por crianças durante a pandemia, com ênfase nas desigualdades enfrentadas pelas crianças e adolescentes da periferia, uma vez que também foi possível identificar que algumas crianças participantes não tinham acesso à internet ou aparelhos celular, sendo o uso restrito à disponibilidade de terceiros. Além disso, assim como os estudos de Santos et al.²² e Lemes et al.²³, para aqueles que tinham acesso à internet e aparelhos eletrônicos, os jogos

passaram a ser uma das poucas alternativas naquele momento, de lazer, de brincar e interagir com seus pares.

Considerando que durante a pandemia, principalmente a partir das medidas de controle da propagação do vírus mais restritas, o acesso à tecnologia e internet se tornou o principal meio de manter relações sociais diante do isolamento exposto, de participar das atividades escolares, de ter qualquer possibilidade de lazer e, muitas vezes, de manutenção do trabalho, compreende-se que aqueles que não dispunham de internet, ou de internet de qualidade, que não tinham equipamentos eletrônicos como o celular, certamente foram impedidos de continuar desenvolvendo suas atividades cotidianas. Ou seja, em um cenário que exigia grandes mudanças, adaptações e transformações cotidianas, as desigualdades sociais mais uma vez implicaram em processos de exclusão (social, escolar, digital, trabalho).

Destaca-se a partir dos resultados do estudo e literatura existente, a importância de políticas públicas e ações governamentais para garantir o acesso igualitário às tecnologias digitais e à internet, especialmente para as crianças e adolescentes da periferia, uma vez que a exclusão digital pode agravar as desigualdades sociais e educacionais já existentes.

Tema 3 - A escola e o aprendizado das crianças durante a pandemia da Covid-19

Aqui, é que eu tava fazendo a lição da plataforma, a minha casa. (P16)

“... tive muita dificuldade para aprender...teve um período que a minha internet acabou, e a minha mãe também perdeu o trabalho, não consegui pagar, então acabou que eu fiquei sem fazer algumas aulas”. (P1)

“... teve uma dificuldade assim de aprender, sabe? Mas tô voltando.” (P2)

“...senti falta de vim pra escola, e ficar perdendo as coisas, mas depois não podia mais, daí não aprendi mais nada.” (P6)

“...mesmo que entregassem livros, eu não entendia, não conseguia ler, não sabia escrever direito. Eu queria voltar pra escola, por causa que eu queria ver meus amigos de volta. Estudar, essa daí foi a maior dificuldade. Por causa que, você sabe as plataformas? Não dava pra mim acessar, por causa que eu só tinha um celular, e os da minha mãe, ela usava muito, do meu irmão, ele nem

deixava tocar, meu outro irmão, ele precisava muito do celular dele. Então não podia estudar direito.” (P7)

“...eu não tinha celular pra fazer lição.” (P8)

“...lá em casa, a gente não tem internet, então não deu muito pra fazer as coisas.” (P10)

“Ah, tinha umas folhas que eu pegava aqui, quando eu vinha buscar marmita, daí eu ficava fazendo por folha, lição. Eu pegava um monte de folha, ficava fazendo lição lá em casa.” (P11)

“Eu fiquei desacostumado, não sabia quase a maioria de nada. Tinha que fazer lição, enquanto isso, minha mãe ia fazendo... ia tirando foto.” (P17)

“Senti falta da professora, senti falta de todo mundo da escola.” (P19)

A suspensão das atividades escolares foi uma das medidas adotadas durante a pandemia que mais impactou o cotidiano das crianças, considerando que o fechamento das instituições de ensino afetou diretamente mais de 72% da população estudantil no mundo, segundo a UNESCO²⁶. Além disso, compreende-se que a escola enquanto lugar mais permanente de convivência fora de casa ao longo de toda a infância e adolescência, além de garantir a aprendizagem, é um importante espaço de socialização, interação entre pares e viabiliza outras necessidades básicas como a alimentação²⁷. A UNESCO²⁶ afirmou que associada à pandemia há uma grande crise educacional.

A suspensão das atividades escolares presenciais e o estabelecimento do ensino remoto reafirmaram as desigualdades sociais por todo o país, uma vez que o direito à educação dessas crianças ficou comprometido, devido à dificuldade de acesso à internet, aquisição de aparelhos eletrônicos e recursos familiares, conforme já discutido. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou em 2020 que uma em cada quatro pessoas no Brasil não têm acesso à internet, sendo que a falta de acesso em zona urbana corresponde a 20,6% e em zona rural, a 53,5%²⁸.

Especificamente sobre o acesso remoto das crianças à educação por meio de dispositivos ou plataformas digitais, muitas vezes, por não possuir aparelhos eletrônicos ou rede de internet, ficaram impedidas de desenvolver as suas atividades durante a pandemia, evidenciando o grande abismo social da educação no Brasil principalmente quando se trata de cenários de maior vulnerabilidade²⁸.

O estudo realizado por McKinsey et al.³⁰ apresenta que a perda de aprendizado durante a pandemia pode ser significativa e durar anos. Segundo os autores, a pandemia pode resultar em uma perda de aprendizado de sete meses a um ano para a maioria dos alunos, sendo que quando se trata de crianças de baixa renda e minorias étnicas as perdas são ainda mais significativas. Além disso, os autores discutem o fato de que quando há lacunas educacionais pré-existent, estas tendem a ser agravadas pela pandemia. Ou seja, as crianças que já enfrentavam desvantagens educacionais e de aprendizado antes da pandemia são as mais afetadas pela interrupção da educação presencial.

Discute-se também, a partir desse cenário, outros fatores para além da questão do ensino e aprendizado das crianças como, a segurança alimentar das mesmas diante da suspensão das atividades escolares presenciais, uma vez que a escola também cumpre o papel de proteção social. Para muitos alunos a escola é o local onde podem garantir suas refeições, sendo que para alguns casos é o local onde se faz a principal (ou única) refeição do dia³¹. Assim, em um cenário onde medidas de isolamento social são implantadas, que impedem as crianças de frequentarem a escola, a segurança alimentar e nutricional será afetada, sendo necessário adotar medidas para que as refeições continuem a ser ofertadas, ainda que com novos protocolos de segurança.

Segundo dados da Rede Nacional de Proteção Social³², 41 milhões de crianças recebem merenda escolar em todo o país, por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), o qual atende os 27 estados e 5.570 municípios. Porém, ainda que algumas medidas tenham sido adotadas durante a pandemia visando a manutenção do programa, em muitos municípios brasileiros o direito das crianças à alimentação não foi garantido, de forma que apenas iniciativas individuais e coletivas da sociedade civil foram responsáveis por atenuar a insegurança alimentar vivenciada pelas famílias.

Reimers³³ sinaliza que a educação durante e após a Covid-19 demandará de uma abordagem coerente, começando com a análise do impacto da pandemia nos alunos, nas comunidades e no sistema educacional. Tal como apresentado nos resultados do presente estudo, com o retorno à escola haverá a necessidade de investimentos, novos recursos, manejos e medidas que sejam reinventadas para lidar com a “nova realidade”, conscientes, de que impactos físicos, mentais e emocionais ocorreram nesse período.

A partir do segundo semestre de 2021, momento em que a produção dos dados foi realizada, as escolas retomaram gradualmente as atividades presenciais, com a flexibilização das medidas de segurança e proteção. E após um longo período de distanciamento das atividades escolares e do

convívio com os amigos, as crianças relatam o contentamento e os sentimentos no retorno às aulas.

“...já não me sinto tão triste, porque hoje eu posso ver essas pessoas.” (P1)

“Eu cheguei na escola, já fiz amizades.” (P4)

“...eu gostei muito, né, pelo menos eu conseguia ver meus amigos, conseguia brincar com eles.” (P12)

“...muito feliz, pisar na escola, ver os amigos. No primeiro dia, eu tava tão, mas tão feliz, eu olhava assim pra sala, ficava muito feliz.” (P18)

Porém em alguns casos, o retorno à escola gerou em algumas crianças um estranhamento, além da necessidade de refazer o seu círculo de amizades.

“Foi muito chocante, porque alguns deles eu não conseguia ver.” (P1)

“Foi bem ruim, por causa que eu não tinha quase nenhum amigo.” (P7)

Fato é que não há como dimensionar com exatidão o impacto da suspensão das atividades escolares na pandemia para o desenvolvimento, saúde mental das crianças e as desigualdades sociais geradas. O que se sabe a partir da literatura e dos resultados encontrados é que há inúmeras implicações que carecem de mais pesquisas e investimento, visando não só compreender a gravidade, mas elaborar proposições que favoreçam e atuem na contraposição de tantas perdas ocorridas.

CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo identificar e compreender como as crianças vivenciaram o cotidiano na

pandemia da Covid-19, a partir da perspectiva das mesmas. Nessa direção, compreende-se que a pesquisa com crianças ainda é um grande desafio, de forma que poder ouvi-las, a partir de suas próprias vozes e de diferentes formas de expressão, possibilita às mesmas um lugar de fala, enquanto informantes e interlocutoras competentes para falarem de si. Ou seja, nesta pesquisa as crianças foram protagonistas de suas próprias histórias e experiências de vida. Assim, o presente estudo avança ao garantir que estas crianças sejam ouvidas, por meio do uso de diferentes ferramentas para produção dos dados.

A partir da análise dos dados produzidos, os resultados foram apresentados em três temáticas, onde as crianças puderam compartilhar que o brincar continuou se fazendo presente e, para isso, as crianças tiveram que se reinventar, transformar as brincadeiras e as formas de interação.

Sobre o uso de telas na pandemia da Covid-19, as crianças relataram desde a escassez de dispositivos eletrônicos, como também o uso excessivo de telas, por longos períodos. Em contrapartida, outros relatos, explicitam o quanto os recursos eletrônicos foram um recurso importante para enfrentamento do momento pandêmico.

Por fim, em relação à escola e o aprendizado das crianças durante a pandemia da Covid-19, destacam-se as dificuldades em acessar os conteúdos online, de forma que as crianças relataram que pouco puderam aprender. Compreende-se a necessidade de convocar e responsabilizar o poder público, o Estado para o desenvolvimento de estratégias e ações que atenuem as desigualdades existentes, que favoreçam oportunidades e garantam o direito a essas crianças de aprenderem.

Compreende-se que as experiências e vivências cotidianas das crianças durante a pandemia, tiveram, têm e terão impactos diferentes, a depender dos contextos de vida que se inserem e dos recursos disponíveis, exigindo o enfrentamento da situação a partir do desenvolvimento, investimento e proposições de pesquisas, políticas e estratégias que garantam a proteção e os direitos dessa população, ainda que com tantas adversidades presentes.

Autoria e Indicação de Responsabilidade: Ana Paula Camargo: concepção do texto, coleta, organização e análise dos dados, discussão e redação final. Amanda D.S.A. Fernandes: concepção do texto, discussão, revisão e redação final.

REFERÊNCIAS

1. Organização Panamericana da Saúde (OPAS). Histórico da pandemia de COVID-19. Organização Pan-Americana da Saúde; 2020 [citado 3 set. 2020]. Disponível em: <http://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>
2. Berbert LD, Freitas PS, Lima RS, Moreira DD, Felipe AO, Silveira-Monteiro CA. A pandemia da COVID-19 na saúde da criança: uma revisão integrativa. Res Soc Dev. 2021; 10(7):e55510716727. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16727>

3. Matta GC, et al. Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia. 2021. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ; 2021. (Informação para ação na Covid-19 séries). <https://doi.org/10.7476/9786557080320>
4. Katz I. Bolsonaro contra as crianças. Por Ilana Katz. Combate Racismo Ambiental; 25 out 2022 [citado 02 dez. 2022]. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2022/10/25/bolsonaro-contra-as-criancas-por-ilana-katz/>.
5. Instituto Alana. Dossiê infâncias e Covid-19: os impactos da gestão da pandemia sobre crianças e adolescentes. 30 mar 2022 [citado 10 out 2022]. Disponível em: <https://alana.org.br/wp-content/uploads/2022/03/DOSSIE-INFANCIAS-E-COVID-19.pdf>
6. Fernandes AD, Speranza M, Mazak MS, Gasparini DA, Cid MF. Desafios cotidianos e possibilidades de cuidado com crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frente à COVID-19. Cad Bras Ter Ocup. 2021;29:e2121. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoar2121>
7. Silva JB. Repercussões do distanciamento social e adoecimento por COVID-19 na qualidade de vida de crianças de 7 a 9 anos [Dissertação]. Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais; 2022. [citado 24 jul. 2023]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/46388>
8. Santana JP, Lordelo LR, Ferriz AFP. Quanto tempo o tempo tem? O cotidiano das crianças durante a pandemia da Covid-19. Cad CEDES. 2022;42:335-346. <https://doi.org/10.1590/CC252948>.
9. Linhares MB, Enumo SR. Reflexões baseadas na psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. Estud Psicol (Campinas). 2020;37:1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>
10. Guizzo BS, Marcello FD, Müller F. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. Educ Pesqui. 2020;46:e238077. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202046238077>
11. Cortés AI. Desenhos, vinhetas e diagramas: ouvindo as narrativas das crianças através da elucidação gráfica. Rev Pesqui Qual São Paulo. 2017;5(8):312-326. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/download/86/83/338>
12. Flick U. Desenho da pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed; 2009.
13. Manzini EJ. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. In: Marquês MC, Almeida MA, Omote S, organizadores. Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduel; 2003. p.11-25.
14. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011.
15. Oliveira VB. Brincar e a criança do nascimento aos seis anos. 6ª ed. Petrópolis: Vozes; 2014.
16. Oliveira VB, Solé M, Fortuna T. Brincar com o outro: caminho da saúde e bem-estar. Petrópolis: Ed. Vozes; 2010.
17. Lima SD, Meirelles MCB. O brincar em tempos de distanciamento social: o que aprendemos com as crianças pela lente da sociologia da infância? Rev Pedagógica (Chapecó). 2020;22:1-21. <https://doi.org/10.22196/rp.v22i0.5799>
18. Vilarinho TAC, Granja ER de S, Caixeta CAS, Amâncio N de FG. Pandemia da Covid-19: os benefícios que a interação com animais domésticos trouxe para as crianças autistas no período de isolamento social. Braz J Develop. 2023;9(1):4327-40. <https://doi.org/10.34117/bjdv9n1-298>
19. Christian H, Mitrou F, Cunneen R, Zubrick SR. Pets are associated with fewer peer problems and emotional symptoms, and better prosocial behavior: findings from the Longitudinal Study of Australian Children. J Pediatr. 2020;220:200-206.e2. doi: 10.1016/j.jpeds.2020.01.012.
20. Market Research Survey. Impact of pets in the home classroom, n=2000. Conducted by Edelman Data and Intelligence. February 2021 [cited 2023 Aug 14]. Available from: <https://www.mars.com/sites/g/files/jydpyr316/files/2021-04/Pets%20in%20the%20Classroom%20Factsheet.pdf>
21. Bento G, Dias G. The importance of outdoor play for young children's healthy development. Porto Biomed J. 2017;2(5):157-160. <https://doi.org/10.1016/j.pbj.2017.03.003>
22. Santos RO dos, Boaro JCA, Lobo VKS, Bleicher T. Tempo de tela dos nativos digitais na pandemia do coronavírus. Rev Expr Catól. 2022;11(1):73-73-81. Disponível em: <http://publicacoes.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/rec/article/view/13>
23. Lemes MA, et al. Tempo de tela, crianças e pandemia de COVID-19: uma revisão narrativa. In: III Congresso Internacional de Educação e Saúde da Universidade de Marília; 2021. p.382 [citado out. 2022]. Disponível em: <https://oficial.unimar.br/wp-content/uploads/2021/06/ANAIS-DO-III-CONGRESSO-INTERNACIONAL-DE-EDUCACAO-E-SAUDE-DA-UNIVERSIDADE-DE-MARILIA.pdf>
24. TIC Kids Online Brasil. Qualidade da conexão e dos dispositivos afetam a participação de crianças e adolescentes na Internet. Cetic.br - Centro Regional para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação [citado 14 ago. 2023]. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20221121120628/resumo_executivo_tic_kids_online_2021.pdf
25. Natividade MS, Guimarães JM, Miranda SS, Barreto Filho O, Aragão ES. Educação e desigualdades na pandemia da COVID-19: realidade e desafios para as políticas públicas brasileiras. In: Barreto ML, Pinto Junior EP, Aragão E, Barral-Netto M, organizadores. Construção de conhecimento no curso da pandemia de COVID-19: aspectos biomédicos, clínico-assistenciais, epidemiológicos e sociais. Salvador, BA: EDUFBA; 2020. v.2, cap.27 [citado 8 jun. 2023]. <https://doi.org/10.9771/9786556300757.027>

-
26. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). COVID-19 impact on education. 2020. [cited 19 abr. 2023]. Available from: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>
 27. Loperfido L, Burgess M. The hidden impact of Covid-19 on children. A global research Series. 2020. [cited 13 jan. 2023] Available from: <https://resourcecentre.savethechildren.net/document/hidden-impact-covid-19-children/>
 28. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Disrupção educacional e resposta COVID-19. 2020 [citado 19 abril 2023]. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>
 29. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa nacional por amostra de domicílios. Rio de Janeiro: IBGE, s.d. [citado 24 jul. 2023]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html>
 30. Mckinsey & Company. COVID-19 and student learning in the United States: the hurt could last a lifetime. 2020 [cited 18 Aug 2021]. Available from: <https://www.mckinsey.com/industries/public-and-social-sector/our-insights/covid-19-andstudent-learning-in-the-united-states-the-hurt-could-last-a-lifetime>.

Recebido em: 26.10.2023

Aceito em: 28.12.2023

